



ROMARIAS E COMÉRCIO INFORMAL: uma análise da cidade de Juazeiro do Norte-CE

Mossicléia Mendes da Silva ¹

Karla Karielle de Meneses Sousa ²

Seywanni Ribeiro ³

Edilania Rodrigues de Miranda ⁴

RESUMO

O trabalho ora exposto discute as questões relacionadas as transformações no mundo do trabalho, bem como o agravamento da questão social, enfatizando a problemática da informalidade no âmbito de tais transformações. É direcionado especificamente ao que tangencia as novas formas de gestão do trabalho e as relações trabalhistas desembocadas a partir dessas mudanças, principalmente no âmbito do trabalho informal. A pesquisa é exploratória, quanti-qualitativa, realizada in lócu, no comércio informal de Juazeiro do Norte-CE, utilizando-se de análise e exposição de dados. O estudo demonstrou uma relevante correlação entre precarização e informalidade.

Palavras-chaves: Comércio Informal; Trabalho informal; Religiosidade

ABSTRACT

The work now under consideration discusses issues related to changes in the realm of labor and the worsening of social problems, emphasizing the problem of informality among such transformations. It is directed specifically to the tangent of new form of labor management and labor relations that flowed from these changes, particularly within the informal sector. The research is exploratory, quantitative and qualitative, in locus, in the informal trade of Juazeiro do Norte- CE, using analysis and data display. The study showed a significant correlation between the lack of personnel and the instruments to work and informality.

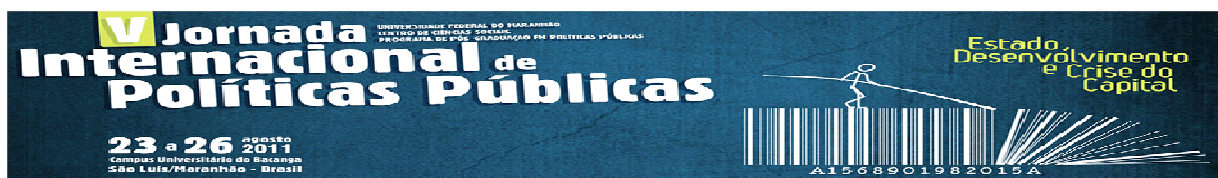
Keywords: informal trade, informal working, religiosity.

¹ Estudante de Pós-graduação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). mossi_c@yahoo.com.br

² Bacharel. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

³ Bacharel. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

⁴ Bacharel. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).



1. INTRODUÇÃO

As profundas transformações que se processaram a partir da crise estrutural de 1970, configurando o que se convencionou chamar de reestruturação produtiva (MOTA & AMARAL, 1998) desencadearam profundos impactos sob as condições de trabalho e conseqüentemente obrigaram relevante número de trabalhadores a recorrer a formas diversas de ocupação com vistas a suprimir suas necessidades de sobrevivência elementares.

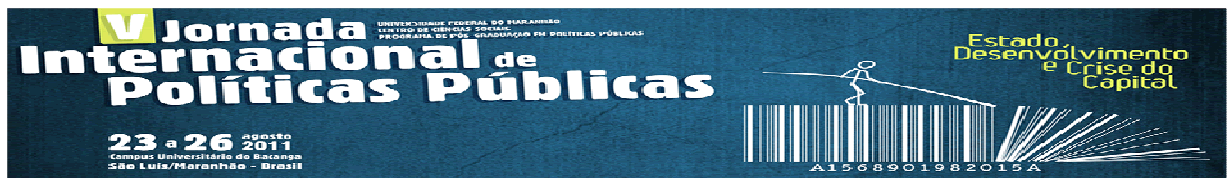
Compreendendo a questão da informalidade, como desdobramento de transformações mais amplas, será tratado no âmbito do comércio ambulante, que incide relevantemente na conformação das realidades de Romarias na cidade de Juazeiro do Norte, em sua relação intrínseca com a religiosidade local.

O presente trabalho propõem-se a efetuar uma leitura da realidade do comércio informal, com enfoque específico na categoria do trabalho, no contexto atual de precarização das relações trabalhistas, utilizando-se como universo de pesquisa a cidade de Juazeiro do Norte, no momento da Romaria de Finados.

A proposta metodológica adotada para o presente trabalho encaminha as investigações empíricas para objetivos quanti-qualitativos, de cunho exploratório, utilizando como estratégia de coleta de dados a entrevista (MARCONI e LAKATOS, 2005). A seguir o trabalho apresentará o recorte teórico que deu sustentabilidade à investigação, seguido das análises dos dados coletados, considerações finais e referências bibliográficas.

2. O TRABALHO INFORMAL E SUA AMBIVALÊNCIA NO ATUAL CONTEXTO

O desemprego estrutural parece ser um sinal emblemático da crise da sociedade salarial (ALENCAR, 2008). É importante ter claro, que não se advoga o “fim do trabalho”, conforme se teoriza em boa parte da sociologia do trabalho atualmente. Tal ilação coloca em foco, a grande crise que se instala no mundo do trabalho, pelas transformações advindas da reestruturação produtiva, que de fato conferiram grande fragmentação a classe trabalhadora, e suas formas de luta, historicamente desenvolvidas (ANTUNES, 2007).



Imersos nesse contexto, o recurso ao trabalho informal aparece como estratégia mesmo de sobrevivência, e, coloca-se à ordem do dia, como forma elementar de inserção, ainda que precária, no mercado de trabalho e consumo, para milhares de trabalhadores destituídos da possibilidade de inserção pelas vias formais (ALENCAR, 2008).

Excluídos do mercado de trabalho formal, em relações que Castel (2008), denomina de “desfiliação”, e despossuídos de qualificação profissional, aliada ao enxugamento do contexto empresarial vigente, grande parte da população em idade ativa, é impelida a recorrer a informalidade.

De acordo com Barbosa (2008), o termo informal é utilizado para designar atividades econômicas que se caracterizam de forma geral por:

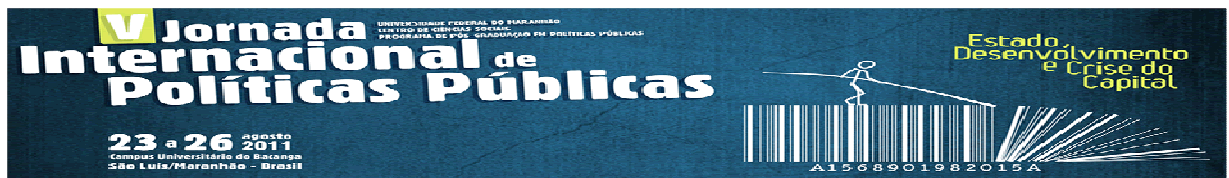
unidades produtivas baseadas no descumprimento de normas e legislação concernentes a contratos, impostos, regulações e benefícios sociais; ocupações sem proteção social, garantias legais e estabilidade, sendo recorrente ainda o fato de serem atividades de baixa produtividade, sem estabilidade, baixos salários, quando não se realizam sem remuneração por ação de familiares e auto-emprego (p. 91, 2008).

Na realidade o trabalho no âmbito da informalidade congrega assimetrias relacionadas a renda, encontrando-se fortes discrepância neste sentido, embora a grande maioria esteja sujeita a uma renda mensal mínima.

Também, as diferenças em termos de qualificação profissional são relevantes. O que importa salientar, é que, pequena parte destes trabalhadores conseguem ter excelente nível de renda e profissionalização, ao passo que a grande maioria, submetem-se a ritmos espoliativos de trabalho para garantir sua sobrevivência (LIRA, 2002).

A informalidade do trabalho submersa, num amplo complexo de contradições capitalistas, têm pelo menos um sentido dual, qual seja: atende inexoravelmente aos interesses de acumulação capitalista, principalmente por baratear a mão de obra e sucatear de forma deletéria as formas de organização sindical da classe trabalhadora, e configura-se como alternativa, não raro única, de inserção sócio-produtiva de grande contingente populacional. A incerteza e a eventualidade dos recursos financeiros tornam-se uma constante.

2.1 O comércio informal e sua interligação com a informalidade do trabalho



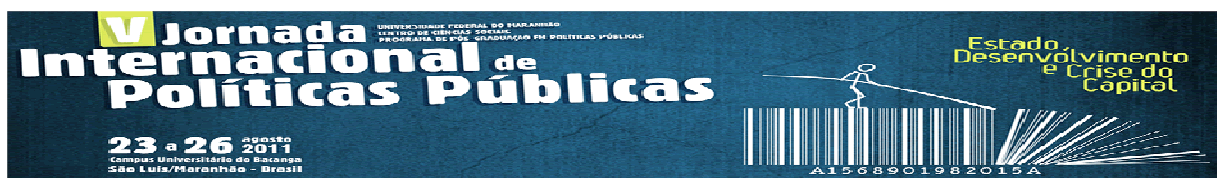
O comércio informal é demarcado por uma definição que “remete à ausência de registro legal e/ou fiscal da atividade” (MONNET, p.172, 2006). Na realidade o autor demonstra que há certa imprecisão, constituindo-se como objeto impreciso e fluido. Isto se é notável pela gama diversificada de atividades que se incluem em tal categoria, nestes incluem-se comércios ambulantes fora da rua, comércios de rua que não são ambulantes, e, ainda comércios ambulantes formais e por fim, comércios informais que não se encontram nem na rua, nem são ambulantes (como as lojas improvisadas no interior de domicílios) (*idem*).

Procura-se colocar em cena, de forma a tecer considerações reflexivas dada a amplitude do tema em foco, é que no atual contexto de reestruturação produtiva, o comércio informal, apresenta de forma incisiva, como forma de circulação de mercadorias, e essencialmente como forma de trabalho para inúmeras pessoas desfiladas do mercado formal.

É necessário, não reter a discussão a uma visão unilateral, utilizando-se de uma caracterização tendenciosa, em que se pretenda tão somente corroborar uma assertiva. Tem-se que, ao menos mencionar, o fato de que o comércio informal conforma uma diversidade de atores sociais, de formatos sociais e econômicos extremamente divergentes. Assim, o comércio informal tem si tornado fonte riquíssima de altos lucros. Destarte, considerando-se que nossa linha de análise situa-se, na sua interface com a precarização do trabalho, direciona-se a discussão para os apontamentos efetuados ao longo do texto.

Além do mais, é a categoria “informal”, que permite a “subproletarização” dos trabalhadores, que se submetem a trabalhos neste setor, sendo portando, o seu trabalho utilizado por outrem, que já se insere num contexto de desproteção social, tornando ainda mais precárias a situação de trabalho daqueles que não são donos dos “empreendimentos econômicos”.

Apresentando a interligação entre comércio informal e informalidade do trabalho, seguem-se algumas assertivas sobre a realidade local do universo da pesquisa ora exposta.



2.2 A religiosidade popular de Juazeiro do Norte e suas implicações no âmbito do comércio informal

Seria impossível trabalhar o conceito de ideologia religiosa, sem remetê-lo ao estudo de classes sociais, por duas instâncias, a saber. Primeiramente, por entender a religião como uma ideologia de classes porque todas as classes se posicionam à sua maneira no estágio da fé. Diferem entre si na sua devoção, na sua doação, no seu devir e segundo, porque se observa a aproximação da igreja de adeptos das classes mais baixas como estratégias e/ou usufruto na luta por sua estabilidade e status de poderio.

Sem mais delongas ao que se refere às intenções religiosas de detenção de poder da igreja, visto não se fazer elemento central da presente discussão, atentetar-se-á a uma ramificação religiosa chamada de catolicismo popular (BAUDRILLARD, 1993).

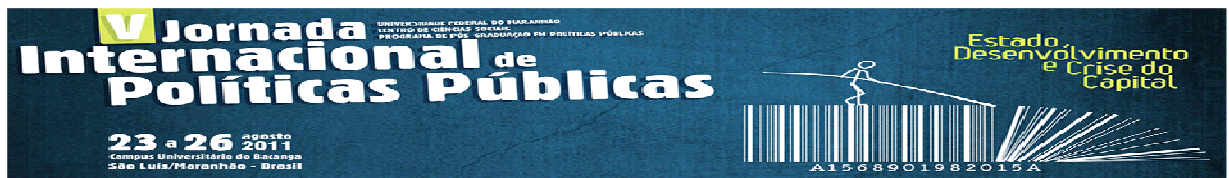
A cidade de Juazeiro do Norte-CE até meados do século XIX, não passava, segundo Barros (1988), de uma vila pacata e economicamente miserável, habitada por reles seres da sociedade (esconderijo de vagabundos e assassinos) com pessoas de baixa moralidade, sustentadas economicamente por bares e bordéis, até chegada das ações de missionário e messiânico que alteram o cenário da região.

A tradição dos proclames, as romarias, atraem para Juazeiro do Norte além dos seus 240 mil habitantes – muitos atraídos pelo catolicismo – milhares de visitantes que buscam participar dos rituais da fé, e interagem direta ou indiretamente com as atividades econômicas, ou seja, a circulação monetária na interação compra e venda.

A cidade expandiu-se e uma de suas principais atividade trabalhista passou a ser o comércio informal, por sua vez, voltado para o elemento maior e impulsionador, as romarias (*idem*).

A precisão desta relação se faz tão essencial e ao mesmo tempo tão contraditória, o circuito comercial que se estabeleceu possui raízes com um finco tão profundo, ao ponto de torná-las, as duas ações fenomênicas, elementos indissociáveis que regerão esse composto complexo social por um tempo indeterminado, fomentando reflexos e mutações neste cenário.

3. FONTES, MÉTODOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS



O presente trabalho propôs um posicionamento epistemológico de intento quantitativo. Quanto aos objetivos, configurou-se a investigação no escopo exploratório (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

A relação inversamente equacionada da necessidade de coleta de informação sem prejuízo da qualidade, respeitada a dinâmica que carrega a própria informação foi crucial para a escolha dos métodos e técnicas de coleta de dados. Portanto, para coleta de informações optou-se pelo uso de entrevistas com perguntas 20 perguntas fechadas e dez abertas, realizados com comerciantes informais da Romaria.

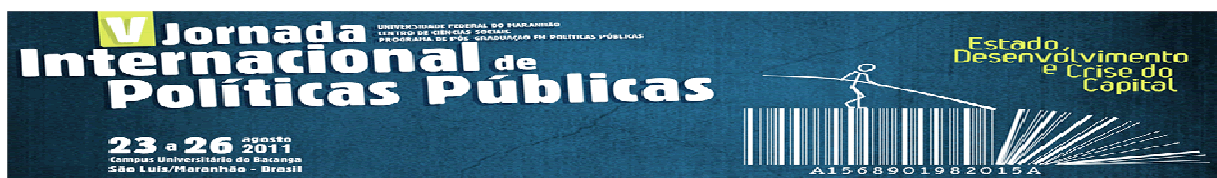
Caracterizar o universo como finito ou infinito é encerrar a proposta de construção de fé que possibilita o aumento substancial deromeiros a cada ano. Calcular uma amostra que pudesse, mesmo que subsidiada pelas leis estatísticas, garantir coeficiente de confiabilidade, seria tolher o caráter mutatório dos processos sociais (FALEIROS, 2006)

Entretanto, foi necessário captar, mesmo que momentaneamente, dados para análise. Foram coletadas informações de 120 comerciantes, num contingente, que conforme dados apresentados informalmente pela Secretaria de Romaria do referido Município compreende um total de 1500 comerciantes informais. A coleta aconteceu entre os dias 30 e 31 de outubro de 2010, nos variados pontos de concentração dos comércios informais.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados coletados permitem compreender que de fato estes empreendimentos seguem a lógica da informalidade. A alternativa ao comércio informal atrai um significativo número de vendedores de outros estados, no entanto pode-se constatar que a maioria advém do próprio estado, e boa parte de Juazeiro do Norte, demonstrando que o âmbito de trabalho ora em questão aparece como alternativa importante sobremaneira para a inserção sócio-produtiva dos moradores da própria cidade. Assim 79,17% dos informantes são originários do Ceará, 19,17% de outros estados nordestinos, e somente 3,83% advém de outras regiões do país.

De acordo com o que se tentou evidenciar no recorte teórico, e constatado empiricamente no transcórre da pesquisa, é que grande parte dos trabalhadores



informais apresentam um baixo nível de qualificação profissional, e uma escolaridade também baixa. Verificou-se que 15,33% possuem o Ensino Fundamental Completo; apenas 30,5% possuem o Ensino Médio Completo; e o que é mais alarmante 54,17%, ou seja, a maioria possui o Ensino Fundamental Incompleto.

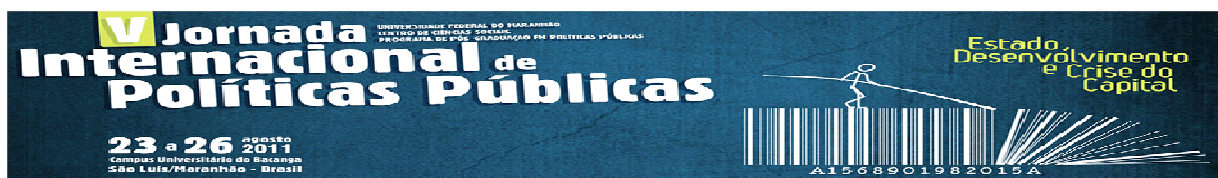
Correlacionando-se estes dados com os referentes a variável relativa a outros trabalhos que tenham vinculados anteriormente, parece haver uma interligação com esta baixa escolaridade verificada e a possibilidade de acesso ao mercado formal de trabalho. Observem-se os dados: 52,5% já tiveram outros trabalhos, enquanto que 47,5% nunca tiveram outro tipo de trabalho; Do total de entrevistados que já tiveram outro tipo de trabalho, apenas 19,17% mantinham vínculo formal, ao passo que 33,33% nunca foram inseridos no mercado formal de trabalho.

Conforme se procurou apontar no decorrer do presente estudo, a insegurança, a instabilidade são desdobramentos próprios da realidade que se delineia no âmbito da informalidade. Os dados corroboram a assertiva. Do total dos entrevistados, apenas 17,5% contribuem para algum tipo de Previdência, enquanto 82,5% não são contribuintes.

Ao que refere-se a renda pode-se verificar, que a maioria dos trabalhadores não possuem outras fontes de renda, dependendo exclusivamente do comércio informal, neste sentido 42,5% declaram possuir outras fontes de renda e 57,5% declaram não possuir. Confrontando-se os referidos dados com o fato constatado de que apenas 34,17% trabalham em romarias em outras localidades e 65,83% não trabalha em romarias de outras localidades, é permitido conjecturar que parte significativa destes trabalhadores depende unicamente da renda gerada pelo comércio informal das romarias da cidade de Juazeiro do Norte para sobreviverem. Ou, contam com o auxílio de Benefícios do Governo Federal, haja visto que 41,67% recebem Bolsa Família.

O que se pode constatar no que tangencia a questão da renda foi que a maioria tem renda familiar que chega a um salário mínimo. Os dados demonstram que 38,33% possuem renda familiar de até 1 salário mínimo enquanto que 20% possuem renda familiar acima de 4 salários mínimos.

Os dados são elucidativos de uma realidade em que o trabalho informal aparece como uma forma amplamente adotada de inserção sócio-produtiva em que há enorme discrepância de renda, em que apenas uma pequena parcela consegue uma renda significativa.



O grupo familiar apareceu bastante diverso em relação ao número de componentes, com prevalência para grupos familiares de 2 a 4 pessoas representando 47,5% e os grupos de 4 a 6 pessoas 40,83%. Ainda com relação ao grupo familiar foi possível verificar forte presença de pessoas oriundas do próprio grupo familiar trabalhando nos espaços pesquisados. Em 44,17% dos casos há pessoas do grupo familiar envolvidos no processo de trabalho, grupo que comporta cônjuges, filhos, pais e irmãos, com predominância dos filhos.

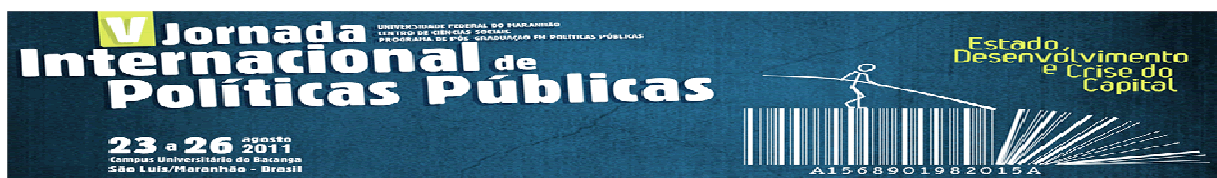
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto pode-se inferir que a reestruturação produtiva no âmbito brasileiro conflui essencialmente para formas de gestão da força de trabalho que aprofundam a precarização das relações trabalhistas e conseqüentemente a exploração dos trabalhadores.

O comércio informal apresenta-se como forma de inserção sócio-produtiva, manifestando-se como meio de trabalho de extrema importância neste contexto de desemprego estrutural. Amplamente fomentado pelas políticas de geração de emprego e renda têm sido vastamente difundidas no país.

Em Juazeiro do Norte lócus da pesquisa ora apresentada, por sua consolidação enquanto pólo turístico religioso apresenta um comércio informal com fisionomia bastante peculiar, mas de contornos bastante abrangentes. Configura-se, em última análise, no contexto que se procurou caracterizar, e de acordo com os dados coletados, como meio de sobrevivência para significativo número de pessoas, de outros estados e da população local.

Na sua forma fenomênica parece está intrinsecamente correlacionada à tendência global de incremento aos moldes informais de geração de renda. Na sua manifestação enquanto fato social, e não meramente econômico, mantém características básicas do mercado e do trabalho informal adotado no capitalismo contemporâneo. Suas características, no entanto, não passam incólumes. Suas implicações incidem de forma contraditória na forma como se tem desencadeado as estratégias de sobrevivência da classe trabalhadora.



Em outros termos, evidencia uma maneira lucrativa de comercialização direta de produtos para alguns comerciantes com capital de investimento mais ampliado. Entretanto, para a maioria os retornos em termos financeiros não são tão expressivos, sendo na maioria das vezes similar aos ganhos reais do salário mínimo pago nos empregos formais.

Em termos da totalidade do conjunto estudado, ou seja, incluindo-se ambas as situações, se percebe, de forma evidenciada, a precarização do trabalho, intensificação da jornada e das atividades e a desproteção social trabalhista. Mesmo o recurso à fundos de aposentadorias e pensões, e/ou Previdência Privada, medida acionada por alguns empreendedores do ramo em se tratando do contexto geral do país, aparece de forma irrisória.

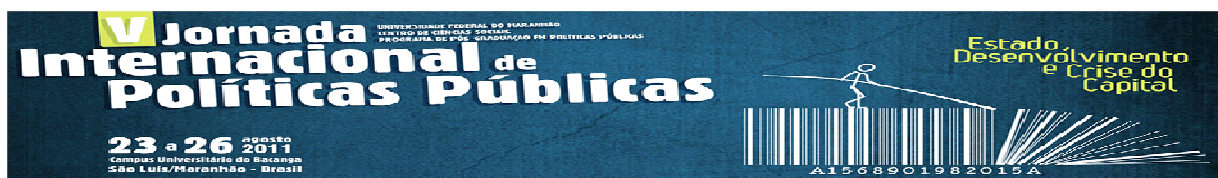
Compreendendo a complexidade que envolve a empreitada de traçar o perfil de um conjunto tão heterogêneo como o que se trabalha no presente estudo, a pretensão eminente da introdutória reflexão que ora se apresenta, é essencialmente de evidenciar o quanto as situações particulares não estão desvinculadas de determinações amplas, que se entrelaçam entre si de forma dialética.

A pesquisa permitiu a compreensão da questão do comércio e do trabalho informal como sendo um fenômeno social, e não meramente econômico, e que propiciadas pelas condições objetivas, e subjetivas do grande número de romeiro que visita a cidade, está ainda relacionada a questões mais amplas de cunho político, opção governamental que se faz ao recurso desta forma de inserção sócio-produtiva como leque mesmo das Políticas Públicas de geração de emprego e renda do país.

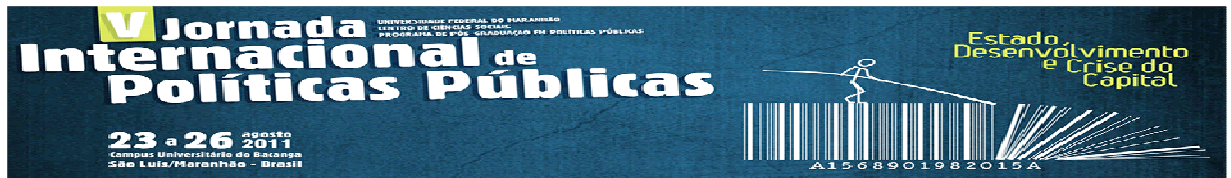
Não se pode desconsiderar sua atualidade e mesmo efetividade no sentido de garantir a sobrevivência material de muitas famílias. No entanto, é preciso não obscurecer, sob pena de arcar com conseqüências sociais drásticas, seu caráter espoliativo da mão de obra, sua condição inerente de desproteção social, e no limite sua ambivalência no sentido de atender necessidades básica dos trabalhadores informais e no seu extremo oposto, as necessidades de acumulação capitalista.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mônica Maria Torres de. **As políticas públicas de emprego e renda no Brasil: do “nacional-desenvolvimentismo” ao “nacional empreendedorismo”**. *IN:*



- Trabalho e Seguridade Social. Percursos e Dilemas. BEHRING, Elaine Rossetti; ALMEIDA, Maria Helena Tenório de. (ORGS.). São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho. **Economia Solidária: estratégias de governo no contexto da desregulamentação social do trabalho.** *IN:* Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo. SILVA, Maria Ozanira da Silva; YASBEC, Maria Carmelita. (ORGS). São Paulo: Cortez, 2006.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **A Terra da Mãe de Deus.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. (Coleção Ensaio e crítica).
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas.** Tradução de Suely Bastos. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário.** Tradução de Iraci D. Poleti. 6º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** 2.ed. São Paulo:Cotetz ,2008.
- JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. **Da Cana para o Lixo: um percurso de desfiliação?** Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, v. 21, nº 63, p. 131-150, jul. 2000.
- LIRA, Izabel Cristina Dias. **Trabalho Informal como alternativa ao desemprego: desmistificando a informalidade.** *IN:* Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo. SILVA, Maria Ozanira da Silva; YASBEC, Maria Carmelita. (ORGS). São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MONNET, Jérôme. **Do vendedor ambulante ao cliente ambulante: um modelo teórico das relações entre o comércio de rua e a metropolização.** *IN:* Cidade, transformações no Mundo do Trabalho e Políticas Públicas. A questão do comércio ambulante em tempos



de globalização. GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques. (ORG). Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MOTA, Ana Elizabete. (Org.) **A Nova Fábrica de Consenso**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.